



Meio Ambiente: Um Suporte Ideológico¹

Francielle Maria Modesto Mendes²
Francisco Aquinei Timóteo Queirós³
Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

RESUMO

Este trabalho intitulado Meio Ambiente: um suporte ideológico tem como *corpus* cinco matérias divulgadas na página virtual da Agência de Notícias do Acre, no período de realização da Conferência de Copenhague: COP – 15. Elas abordam a participação no evento da comitiva brasileira e, principalmente, da acreana. O objetivo do trabalho é discutir o jornalismo que se faz a respeito da crise ambiental, além de fazer uma reflexão de como os aspectos ideológicos auxiliam na (re)construção da realidade. A pesquisa toma como base estudos na área de meio ambiente e, sobretudo, conceitos de Ideologia, que compreendem a notícia como construção social.

Palavras-chave: Ideologia; Jornalismo ambiental; Meio Ambiente.

INTRODUÇÃO

A questão ambiental preocupa a humanidade, devido à forma irracional adotada na busca do desenvolvimento sócio-econômico. Os avanços científicos e tecnológicos, a globalização da sociedade, a mudança dos processos de produção e suas conseqüências trazem a tona novas exigências de conscientização das pessoas. E é nesse contexto que as mídias desempenham um papel primordial, uma vez que são importantes fontes de informação para expressiva camada da população.

Baseado nisso, pretende-se estudar de que forma o jornalismo ambiental é utilizado como suporte ideológico no processo de conscientização popular sobre os problemas sócio-ambientais, a partir da análise das notícias sobre a Conferência de Copenhague – COP 15, divulgadas na Agência de Notícias do Acre, na página (www.agencia.ac.gov.br) do governo do mesmo estado. Porém, é preciso explicitar que a nossa intenção aqui não é fazer uma crítica ao atual partido governista no estado. No entanto, pretendemos instigar uma reflexão acerca da utilização das novas tecnologias para propagação de ideologias, tendo como suporte o processo de conscientização ambiental.

¹ Trabalho apresentado no DT1 – Jornalismo do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

² Professora titular da Universidade Federal do Acre – UFAC, Mestre em Letras: Linguagem e Identidade, email: franciellemodesto@gmail.com.

³ Professor titular da Universidade Federal do Acre – UFAC, Especialista em Assessoria de Comunicação, email: aquinei@gmail.com.



A 15ª Conferência das Partes na Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima – COP 15 foi realizada entre 7 e 15 de dezembro de 2009, na Dinamarca. A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (CQNUMC) ou Conferência Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas (CQNUAC) é um tratado internacional que foi resultado da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), conhecida como a Cúpula da Terra, realizada no Rio de Janeiro, em 1992.

Esse tratado foi firmado por quase todos os países do mundo e tem como objetivo a estabilização da concentração de gases do efeito estufa (GEE) na atmosfera em níveis que evitem a interferência perigosa com o sistema climático. O tratado não fixou, inicialmente, limites obrigatórios para as emissões de GEE. Em vez disso, incluía disposições para atualizações (chamados de protocolos), que deveriam criar limites obrigatórios de emissões. O principal é o Protocolo de Quioto. Como a concentração atual de GEE na atmosfera é consequência, em maior parte, das emissões realizadas por países industrializados no passado, cada país tem uma responsabilidade diferente. Para a divisão de responsabilidades, os países foram divididos em diferentes blocos: países Anexo 1 (países industrializados), Anexo II (países desenvolvidos que pagam os custos para países em desenvolvimento) e os países em desenvolvimento.

A primeira Conferência das Partes (COP-1) ocorreu em 1995, na cidade de Berlim e, posteriormente, em mais 13 outras cidades até chegar a Copenhague, no ano de 2009. A última conferência tinha vários desafios, entre eles o impasse entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento sobre as metas possíveis e desejadas para a redução de emissões, além do nível de comprometimento dos países com o clima global.

A chegada de Barack Obama ao poder nos EUA, a crise econômica e os estudos científicos apontando a gravidade dos impactos do aquecimento global sobre a vida no planeta são fatores que poderiam influenciar decisivamente a reunião COP 15. Os dados científicos falam sobre a necessidade de reduzir, em 2015, as emissões de CO₂ no mundo e construir, até 2050, uma economia com baixa emissão de gases do efeito estufa.

Diante desse cenário, nosso objeto de estudo são as matérias publicadas no site do governo do estado do Acre – Agência de Notícias – para ‘informar’ a população sobre as decisões tomadas na conferência, bem como a participação da comitiva do estado do Acre. Cientes do poder da mídia e da necessidade de usá-la como meio de



reprodução ideológica, cinco matérias são publicadas no período de 14 a 18 de dezembro de 2009, com os seguintes títulos: 1) Binho defende pagamento por serviços ambientais em Copenhague, em 14/12/09; 2) Acre leva a proposta mais consistente para Copenhague, em 15/12/09; 3) Acre em destaque na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, em 16/12/09; 4) Binho fala sobre avanços para o Acre durante Conferência sobre o Clima em Copenhague, em 17/12/09; 5) Sintonia em Copenhague: Proposta defendida pelo Governador Binho já está dando frutos no Acre, em 18/12/09.

O governo do estado, por intermédio de sua equipe de jornalistas, constrói o seu discurso ignorando as falhas da conferência e disseminando seu pensamento como forma de dominação de poder. Segundo Polline Oliveira (2007), através dos meios de comunicação, as questões ambientais chegam ao conhecimento, pela primeira vez, de segmentos da sociedade que nunca tinham tido acesso ao tema, uma vez que estas informações circulavam basicamente em espaços restritos (comunidade científica, seminários, palestras e publicações especializadas).

A IDEOLOGIA E A MÍDIA

De acordo com o autor John B. Thompson (2009), o conceito de Ideologia tem um longo histórico, e até os dias atuais tem um significado um tanto confuso. O termo Ideologia foi usado pela primeira vez pelo filósofo Francês Destutt de Tracy, em 1796, para descrever o projeto de uma nova ciência que objetivava a análise sistemática das idéias e sensações, pois para ele não é possível conhecer as coisas em si mesmo, mas sim as idéias provenientes das sensações que se tem delas. Através da análise das idéias e das sensações seria possível entender a natureza humana, e assim reestruturar a ordem social e política de acordo com as necessidades das pessoas. O autor afirma, ainda, que à medida que o termo ideologia caminhou para a arena política, o sentido e a conotação do termo mudaram. Deixou de se referir apenas à ciência das idéias e passou a se referir a um corpo de idéias que seria errônea e estaria divorciado das realidades práticas da vida política.

Para Pedrinho Guareschi (2005), a ideologia pode ser algo positivo ou negativo. No sentido positivo, ela é uma visão do mundo, uma plataforma de princípios, idéias. E no negativo, é uma visão distorcida, falsificada, enganadora da realidade. Nesse artigo, o eixo adotado é o negativo. Na definição do autor, “Ideologia é o uso de formas



simbólicas para criar, ou reproduzir, relações de dominação”. (GUARESCHI, 2005, p.144). Vale ressaltar também o conceito do autor de dominação:

(...) é entendida como uma expropriação, isto é, um roubo de poder. Atenção que estamos distinguindo aqui dominação de poder. Poder é entendido como uma capacidade, um recurso de uma pessoa ou grupo. Já dominação é entendida como sendo uma relação, isto é, onde há outro envolvido. Dominação é, então, uma relação onde alguém tira, expropria, rouba algum recurso – poder – de outro; ou onde alguém se aproveita da capacidade de outro. (GUARESCHI, 2005, p.145).

A mídia é um elemento significativo para a sociedade, na construção de conceitos relacionados ao meio ambiente. Dentro desse universo, cabe um olhar especial à mídia eletrônica, pois segundo John B. Thompson (2009), os meios eletrônicos permitem a circulação das formas simbólicas com muita rapidez. André Trigueiro acrescenta, afirmando que a Internet “vem se revelando um poderoso instrumento de pressão em favor de causas ecológicas”. (2003, p. 85)

De fato, temos observado que com o domínio da informação, a mídia desenvolveu mecanismos e ferramentas capazes de difundir, mais rapidamente, o conhecimento acerca da problemática ambiental. Porém, segundo Wilson da Costa Bueno (2007), o jornalismo sobre meio ambiente não pode ser confundido com marketing verde ou ecopropaganda. O trabalho feito na área ambiental deve ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate. Não pode ser utilizado como porta-voz de segmentos da sociedade para legitimar poderes e privilégios.

O autor afirma ainda que o saber ambiental não é prioridade dos que detém o monopólio da fala, mas deve estar sintonizado com o pluralismo e a diversidade. É preciso sintonizar ainda o diálogo entre o letrado e o pescador, entre o agrônomo e o trabalhador rural, o mateiro e o biólogo. E muito menos limitar o discurso que apenas legitima hierarquias e promove o distanciamento. O protagonismo do jornalismo ambiental não pode se limitar aos muros das Academias ou aos políticos. É preciso incluir também o povo da floresta, o agricultor e o cidadão da rua.

Trigueiro (2003) afirma que no caso da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima, ela estabelece no artigo 4º, parágrafo 1º, o compromisso dos países em desenvolvimento, entre os quais o Brasil, de promover e cooperar na educação, treinamento e conscientização pública em relação à mudança do clima, e

estimular a mais ampla participação nesse processo. É óbvio que a realização desse compromisso depende basicamente do apoio da mídia. Foi comprovado nas últimas décadas, que houve um aumento significativo de publicações, documentários e campanhas de publicidade institucionais sobre o assunto. Mas é preciso observar de que forma isso vem acontecendo.

Para Trigueiro (2003), a origem da expressão “meio ambiente” vem de dois substantivos: meio (do latim *mediu*), que significa tudo que está a nossa volta, o espaço no qual estamos inseridos; e ambiente, dos vocábulos latinos *amb(o)* (ao redor, à volta) e *ire* (ir). Assim, o autor conceitua meio ambiente como “um conjunto de fatores naturais, sociais e culturais que envolvem um indivíduo e com os quais ele interage, influenciando e sendo influenciado por eles”. (TRIGUEIRO, 2003, p. 77).

No caso das matérias publicadas no site da Agência de Notícias do Acre, evidencia-se desde os títulos (“Acre leva a proposta mais consistente”, “Acre em destaque”), que o principal objetivo é afirmar quão vantajosa foi a Conferência de Copenhague, não só para o Brasil, mas, sobretudo, para o Acre e sua comitiva. Essa, por sua vez, destaca em primeiro plano o Governador do Acre Binho Marques e o Senador Tião Viana.

É possível observar, seguindo o pensamento de Thompson (2009), os modos e estratégias ideológicas das matérias do site Agência de Notícias do Acre. Um dos modos de operação da ideologia é a legitimação. Ela faz com que as relações de dominação sejam estabelecidas e sustentadas como justas e dignas de apoio. “Segundo Binho Marques, o Acre possui hoje as melhores propostas para Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação (REDD)”. (Agência de Notícias, 14/12/2009)

É possível perceber também as estratégias de racionalização, que consistem na construção de argumentos para persuadir alguém. Essa estratégia é mais utilizada pelos políticos. Segundo a matéria Acre em destaque na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, o Governador Binho Marques afirma: “nos últimos dez anos aumentamos o PIB per capita de 4.700 para 8.700 dólares, diminuindo as taxas de desmatamento”. (Agência de Notícias, 16/12/2009). Porém, segundo a Revista Veja de 11 de abril de 2007, os índices de desmatamento no Acre aumentaram entre os anos de 1999 e 2006. A revista divulga dados do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon). A pesquisa do instituto revela que o desmatamento no Acre triplicou, chegando a marca de 995 quilômetros quadrados em 2004. É como se uma área de floresta do tamanho de catorze campos de futebol fosse derrubada por hora.



Dados diferentes dos divulgados através da Agência de Notícia, são os do Sistema de Proteção da Amazônia (Sipam). Segundo o site Folha do Acre, apesar da diminuição das queimadas, no estado, em 2007, os assentamentos registraram 39% dos focos de calor e as reservas como a Resex Chico Mendes apresentou 131 focos de calor e a Floresta Estadual Antimary, 78. Esses dados revelam números que contradizem as matérias publicadas na Agência de Notícias do Acre durante a COP – 15. Dados recentes do Imazon afirmam ainda que comparando agosto e setembro de 2009 com o mesmo período do ano anterior (agosto e setembro de 2008), houve um aumento de 16% no desmatamento na Amazônia Legal. Em termos relativos, esse aumento foi mais expressivo no Acre (+149%), Rondônia (+84%), Amazonas (+47%), Roraima (+37%), e Pará (+10%).

Outro modo de persuasão das informações é o processo de universalização delas. Ele consiste em acordos institucionais que servem apenas aos interesses de alguns, serem apresentados como de interesse de toda a sociedade. É o que se evidencia na passagem a seguir:

As propostas de desenvolvimento sustentável e de políticas públicas para a redução do desmatamento e preservação da floresta do Acre chamaram a atenção de pesquisadores e cientistas do Brasil e do mundo nesta quarta-feira, 16, em Copenhague, durante o evento realizado pelo Governo do Estado na Conferência das Nações Unidas sobre mudanças climáticas (COP-15), na Dinamarca. O governador Binho Marques esteve à frente do evento intitulado "Floresta e Sociedade 'Florestania' na terra de Chico Mendes", realizado no Bella Center, pavilhão principal da Conferência. (Agência de Notícias, 16/12/2009)

A seleção de notícias foi outro recurso utilizado pela Agência de Notícia do Acre. Como afirma Guareschi (2005), as notícias são 'filtradas' e manipuladas, por um grupo específico, que privilegia seus interesses políticos e individuais. O material para publicação deve chegar ao público purificado e esterilizado contra algo que possa prejudicar interesses particulares. Dessa forma, como afirma Felipe Pena (2008), o governo e as empresas de comunicação mantêm uma imagem positiva perante a opinião pública. Por isso, a agência fez recortes de informações, divulgando apenas aquilo que correspondia aos interesses políticos da comitiva em Copenhague.

No texto a seguir, evidencia-se o pensamento da ministra Dilma Rousseff, aliada política do Presidente da República, que por sua vez, pertence ao mesmo partido do



governador do Acre. A ministra é citada como alguém que acha importante adotar metas de redução de gases. Porém, a matéria não explicita se o Brasil declarou ou não apoio a redução de lançamento de gases à atmosfera.

(...) a ministra Chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, defendeu que mais importante do que discutir a participação dos emergentes no fundo é saber se os países ricos estão dispostos a adotar metas mais ousadas do que as anunciadas até agora para atingir o objetivo da convenção: reduzir as emissões globais de gases de efeito estufa entre 25% e 40%, até 2020. (Agência de Notícias do Acre, 14/12/2009)

Em contrapartida, a senadora Marina Silva fez declarações à imprensa nacional, falando sobre o seu descontentamento com a participação brasileira pela sua falta de posicionamento. Apesar de ser constantemente citada nas matérias da Agência de Notícias do Acre, não há declarações da ministra, sobre sua participação na COP – 15, em nenhuma das cinco matérias em estudo. Veja a seguir as informações veiculadas na Agência Senado, a partir de uma entrevista concedida pela ex-ministra do Meio Ambiente:

Marina Silva disse que esperava que, com a chegada do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Copenhague, o Brasil pudesse se reposicionar. Referindo-se à ministra da Casa Civil Dilma Rousseff, afirmou que a chefe da delegação brasileira adotou "posição equivocada", ao defender a não participação do Brasil com recursos para financiar ações de adaptação dos países mais pobres. Segundo Marina, tais recursos "poderão ser mobilizados" para que países da África e as ilhas sujeitas ao desaparecimento possam investir em ações de adaptação. E os países emergentes como Brasil, China, Índia, México e África do Sul também deveriam se comprometer em financiá-lo, já que também seriam beneficiados por ele.

Tem que ser proativo. É essencial que ser efetivo naquilo que podemos fazer e não adotar, como o Brasil tem feito, uma postura dúbia. Quando interessa, reivindicam *status* de países desenvolvidos, e quando não interessa querem ser tratados como os países pobres - concluiu a senadora, para quem os países emergentes, entre os quais o Brasil, também têm responsabilidade quanto às emissões de gases de efeito estufa. (Agência Estado, 17/12/2009)

Outra estratégia é a combinação de mensagens, que acontece quando juntamos fatos diferentes para atribuir novo significado aos acontecimentos. É o caso das inúmeras referências ao seringueiro Chico Mendes, presentes nas matérias. Ao relacionar o Governo atual do estado do Acre a figura do ambientalista, as pessoas passam a acreditar que o principal objetivo dos governantes acreanos é o mesmo do



seringueiro – proteger o meio ambiente. “Chico foi o primeiro a entender que a presença das populações tradicionais era a única força capaz de impedir o avanço do desmatamento no Acre e em muitas regiões na Amazônia.” (Agência de Notícias, matéria de 14/12/2009).

O processo de combinação se repete no caso da relação intrínseca que se faz novamente entre a defesa do meio ambiente e a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, candidata pelo Partido dos Trabalhadores a presidência do Brasil em 2010. Dilma - ‘companheira’ de partido do atual presidente Luis Inácio Lula da Silva, do Governador acreano Binho Marques e do Senador Tião Viana – é citada inúmeras vezes como aliada do grupo às causas ambientais.

Há ainda a estratégia da unificação. Os assuntos são, por natureza, diferentes. Mas quando se quer entrelaçar conceitos e valores, apela-se para a união, a fim de conseguir o efeito desejado. O compromisso assumido pelo Brasil, segundo as matérias em estudo, de reduzir as emissões de gases até 2020, entre 36,1% e 36,9% não significa que o país foi “ousado” ou “pioneiro”, como afirmam os textos da Agência de Notícias do Acre. Afinal, o maior objetivo da COP-15 era realmente estabelecer metas altas de redução de gases na atmosfera, garantindo assim o comprometimento tanto de países desenvolvidos quanto em desenvolvimento. Somente dessa forma, seria mantida a sobrevivência das gerações futuras.

SOB O SIGNO DA “FLORESTANIA”

Marilena Chauí (2001) aponta que a ideologia é um corpo sistemático de representações e de normas que nos “ensinam” a conhecer e a agir. Dessa forma, verifica-se, nas matérias em análise, a organização do discurso ideológico e dos semióforos (signos), como definidores de uma sintaxe em que convergem elementos sociais, lingüísticos e cognitivos.

A sistematicidade e a coerência ideológicas nascem de uma determinação muito precisa: o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante. (CHAUÍ, 2001, p. 03)



A partir do estudo dos cinco textos, constata-se que eles se ressentem de uma “voz” particular, de uma fala aparentemente oculta, que se revela ou se despe aos poucos. Esse clamor, como afirma Chauí é o discurso competente “que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado porque perdeu os laços com o lugar e o tempo de sua origem”. (2001, p. 07). Nesse sentido, podemos afirmar que o discurso ideológico é um discurso lacunar. O seu “preenchimento” se dá com a hierarquização dos instrumentos políticos utilizados para a definição dos signos de poder. Sob esse viés, termos como “florestania”, “povos da floresta” ou até mesmo, a apropriação sígnica que se faz da figura do líder seringueiro, Chico Mendes, podem ser examinados como elementos constitutivos de uma ideologia política.

Nas matérias veiculadas no site da agência de notícias do governo do estado do Acre, no período de realização da Conferência de Copenhague, COP – 15, verifica-se que os textos estão imbuídos de uma pessoalização tão forte, que a própria conferência parece ser um adendo, perante a “figura-símbolo” de Binho Marques. É o que se constata em três títulos de reportagens divulgadas pela agência do governo: 1) *Binho* defende pagamento por serviços ambientais em Copenhague; 2) *Binho* fala sobre avanços para o Acre durante Conferência sobre o Clima em Copenhague e 3) Sintonia em Copenhague: Proposta defendida pelo *Governador Binho* já está dando frutos no Acre.

Nos títulos elencados acima, verifica-se que a ideologia política engendrada nas matérias governamentais consegue paradigmaticamente o espaço da opinião pública, fornecendo à sociedade um conjunto de traços distintivos (florestania, povos da floresta, Chico Mendes) cuja combinatória assegura uma relativa estancidade entre identidades coletivas que dividem a extensão do campo social. Dessa forma, a questão ambiental veiculada nas reportagens, reconstrói e instaura um Outro que atua como um partícipe da ideologia. Assim, Chauí afirma que o campo da ideologia é o campo do imaginário, não no sentido de irrealidade ou de fantasia, mas no sentido de conjunto coerente e sistemático de imagens ou representações tidas como capazes de explicar e justificar a realidade concreta.

AS TROCAS SIMBÓLICAS

No estudo dos textos, constatou-se que a ideologia configura uma ordem lógica que recobre a ordem social, regulando não apenas a apropriação dos símbolos, mas



fornecendo as regras e os materiais significantes com que os grupos dão sentido às suas práticas. Para tanto, as matérias veiculadas pela Agência de Notícias do Acre promovem uma espécie de gestão do *sentimento de identidade* dos próprios sujeitos, atores. Podemos perceber isso, analisando o excerto abaixo, retirado da reportagem intitulada “Sintonia em Copenhague: Proposta defendida pelo Governador Binho já está dando frutos no Acre”.

Um exemplo de pioneirismo que o Acre já assume hoje, ao adotar na prática um modelo de desenvolvimento sustentável muito antes da Conferência das Nações Unidas sobre o Clima. Uma história que começou a mais de 30 anos, como bem ressaltou o governador Binho Marques, ao falar da luta protagonizada por Chico Mendes na década de 1980 pela preservação da floresta por parte de lideranças indígenas, seringueiros e extrativistas. ‘O nosso estado tem uma história. E o que propomos nós já estamos fazendo’, disse o governador. (Agência de Notícias do Acre, 18/12/2009).

Percebe-se nesse trecho, a partir do pensamento do Landowski (2002) que o *sentimento de identidade* é ressignificado historicamente, fazendo com que o indivíduo perceba a si mesmo como imediatamente inscrito no movimento do momento, como participante no desenrolar de uma atualidade vivida em comum com outrem, e por isso mesmo, também, como efetivamente *presente a si mesmo*.

Sob esse ponto de vista, a ideologia assumida torna-se paradoxalmente produtora de identidade, exatamente porque um dos meios mais elementares de afirmar a existência do indivíduo na sociedade é mudando o *sentido* de sua própria vida e incorporando-o à matriz ideológica. Afastado de si mesmo, o indivíduo é redefinido em um Outro, que se mostra escorregadio, evanescente e simbolicamente injuntivo. Com isso, afirma-se que a reelaboração simbólica que um discurso efetiva é parte integral da realidade social e, por essa razão, tal realidade é também constituída, ou melhor, determinada pela própria atividade de simbolização.

Para Pierre Bourdieu (1998), a organização do mundo e a fixação de um consenso a seu respeito constitui uma função lógica necessária que permite à cultura dominante numa dada formação social cumprir sua função político-ideológica de legitimar e sancionar um determinado regime de dominação.

O consenso tornou-se uma ilusão necessária para qualquer organização de regras capazes de ordenar os materiais significantes de um sistema simbólico. Nas matérias em estudo, o arcabouço sógnico apóia-se na manutenção de um *sentimento de identidade*



(florestania, Chico Mendes, povos da floresta) que oblitera, na verdade, uma estratégia de promoção político-partidária. A ideologia respira sob a superfície dos textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cientes da importância da reflexão sobre as causas ambientais e do fato de que o meio ambiente não pode ser delegado a um plano subjacente, fez-se aqui uma reflexão sobre as abordagens midiáticas para expressiva camada da população. Buscou-se esmiuçar os aspectos ideológicos que subjazem nos textos veiculados pela Agência de Notícias do Governo do Acre, verificando-se o aparecimento de um discurso simbólico que se pretende coeso e universal.

Evidenciou-se, no presente estudo, o fato de que a valorização da dimensão ideológica dos processos sociais dialoga com as determinações específicas do sistema de dominação. Dessa forma, os textos veiculados atuam como uma espécie de ‘equipamento simbólico’, cujo objetivo é aplacar as contradições entre o discurso e a realidade.

Com isso, as notícias analisadas no recorte temporal em estudo são a um só tempo: máscara e legitimação do *status quo*. Constatou-se, ainda, que o aparecer discursivo da ideologia, que surge nas matérias, apresenta-se de forma sub-reptícia, ressignificando e presentificando a história.

Dessa forma, perde-se o significado da comunicação com intuito de formar um caráter ambiental na constituição do sujeito social. Rompendo-se, por consequência, com um dos objetivos do jornalismo ambiental: contribuir através da notícia com a melhor formação da sociedade, sem porventura, impor sobre ela novos efeitos de dominação e (des)construção da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA, Ricardo. Sipam faz diagnóstico das queimadas em MT, RO e AC. 11 de junho de 2008. Disponível em: http://www.folhadoacre.com/navegacao/ver_noticia.php?id_noticia=2940&editoria=10. Acesso em 10 de março de 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998



CHAUÍ, Marilena Souza. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

COUTINHO, Leonado. E agora, Viana? 11 de abril de 2007. Disponível em: http://veja.abril.com.br/110407/p_070.shtml. Acesso em 10 de março de 2010.

BUENO, Wilson da Costa. *Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa*. Mojoara Editorial: 2007.

GUARESCHI, Pedrinho. *Mídia, Educação e Cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia*. Petrópolis: Vozes, 2005.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

OLIVEIRA, Polline Almeida de. *Meio ambiente e mídia: uma análise da cobertura Sócio ambiental*. Disponível em: <www.webartigos.com/articles/2692/1/meio-ambiente-emidia/pagina1.htm>. Acesso em: 17 mar. 2010.

SOUZA, Carlos; VERISSIMO, Adalberto. *Transparência Florestal: Amazônia Legal*. Setembro de 2009. Disponível em: <http://www.imazon.org.br/novo2008/arquivosdb/113845sadset2009.pdf>. Acesso em 10 de março de 2010.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2008.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRIGUEIRO, André (org). *Meio Ambiente no século 21: especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

VIDIGAL, Cristiana. COP-15: Marina Silva diz que impasse continua e critica líderes mundiais. Dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=98572&codAplicativo=2&codEditoria=8>. Acesso em 16 de março de 2010.